



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Diana Sofia Gomes Brito

O efeito da sociosexualidade na relação entre as estratégias de resolução de conflito e a satisfação conjugal

Trabalho realizado sob orientação do

Professor Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

abril, 2019



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Diana Sofia Gomes Brito

O efeito da sociosexualidade na relação entre as estratégias de resolução de conflito e a satisfação conjugal

Dissertação de Mestrado Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 09/04/2019, perante o seguinte júri:

Presidente: Prof. Doutora Ana Rita Conde Dias

Arguente: Prof. Doutora Cátia Margarida dos Santos Pereira de Oliveira

Orientador: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

abril, 2019

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante a declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

O efeito da sociosexualidade na relação entre as estratégias de resolução de conflito e a satisfação conjugal

Resumo

A investigação tem demonstrado uma associação estrutural entre as estratégias de resolução de conflito conjugal e a satisfação conjugal (RCC). Não obstante, apesar da plausibilidade da potencial influência da sociosexualidade na associação entre estratégias de RCC e satisfação conjugal, esta hipótese nunca foi, contudo, estudada empiricamente. O presente estudo teve dois objetivos. O primeiro, foi testar as associações entre as estratégias de RCC destrutivas (estratégias de raiva, hostilidade e retraimento) e construtivas e satisfação conjugal. O segundo objetivo foi examinar o efeito moderador das atitudes sociosexuais na associação entre (a) estratégias construtivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal e (b) estratégias destrutivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal. A amostra foi constituída por 242 mulheres a residir em Portugal, com idades compreendidas entre os 20 e 51 anos de idade ($M = 35.30$; $SD = 5.44$), sendo a média de idade de filhos de 3.76 anos ($SD = 3.38$; variação 2 e 6 anos). Usando um *design* transversal, foi conduzido um inquérito *online* de recolha de dados, ao qual as participantes responderam a questões referentes às variáveis em estudo. *A priori* à análise de dados, foram implementados procedimentos estatísticos de limpeza de dados para reduzir a possibilidade de respostas enviesadas ou inválidas metodologicamente. Os resultados demonstraram que as estratégias construtivas, estratégias de retraimento, de hostilidade e de raiva de RCC se mostraram preditoras significativas da satisfação conjugal. Relativamente ao potencial efeito moderador das atitudes sociosexuais entre as estratégias de RCC e a satisfação conjugal, verificou-se um efeito moderador das baixas atitudes sociosexuais entre as estratégias de resolução de conflito conjugal construtivas e a satisfação conjugal. *A posteriori* foram também discutidas as limitações e as implicações clínicas do presente estudo.

Palavras-Chave: Satisfação conjugal; estratégias de resolução conflito; sociosexualidade; atitudes sociosexuais

Abstract

Research has shown a structural association between marital conflict resolution strategies (RCC) and marital satisfaction. However, despite the plausibility of the potential influence of sociosexuality in the association between RCC strategies and marital satisfaction, this hypothesis has never been studied empirically. The present study had two objectives. The first one was to test the associations between the strategies of destructive RCC (strategies of anger, hostility and withdrawal) and constructive and marital satisfaction. The second objective was to examine the moderating effect of sociosexual attitudes in the association between (a) constructive strategies for solving the marital conflict and marital satisfaction and (b) destructive strategies for solving the marital conflict and marital satisfaction. The sample consisted of 242 women residing in Portugal, aged between 20 and 51 years ($M = 35.30$; $SD = 5.44$), with the mean age of children being 3.76 years ($SD = 3.38$; between 2 and 6 years). Using a cross-sectional design, an online data collection survey was conducted, to which participants answered questions related to the variables under study. *A priori* to the data analysis, statistical procedures of data cleaning were implemented to reduce the possibility of skewed or methodologically invalid answers. The results showed that the constructive strategies, withdrawal, hostility and anger RCC strategies proved to be a significant predictor of marital satisfaction. With regard to the potential moderating effect of sociosexual attitudes between RCC strategies and marital satisfaction, there was a moderating effect of low sociosexual attitudes between constructive conflict resolution strategies and marital satisfaction. *A posteriori* the limitations and clinical implications of the present study were also discussed.

Keywords: Marital satisfaction, marital conflict resolution strategies, sociosexuality, sociosexual attitudes

Índice

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
O efeito da sociosexualidade na relação entre as estratégias de resolução de conflito e a satisfação conjugal	
Presente estudo.....	7
Método	
Participantes.....	8
Medidas.....	8
Procedimento.....	9
Análise de dados.....	11
Resultados.....	12
Discussão.....	15
Referências.....	18

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis.....</i>	12
Tabela 2. <i>Regressão Hierárquica Predizendo Satisfação Conjugal com as atitudes sociosexuais como moderador.....</i>	13

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Interação entre as estratégias de construtivas de RCC e as atitudes sociosexuais na predição da satisfação conjugal</i>	15
---	-----------

Lista de Abreviaturas

CPS - *Conflicts and Problem-Solving Scales*

DSQ - *Directed Questions Scale*

RCC - Resolução conflito conjugal

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

SOI – Sociosexual Orientation Inventory

CSI – Couple Satisfaction Index

A família consiste num sistema hierarquicamente organizado e dinâmico, composto por diversos subsistemas que apresentam uma interdependência estrutural quer pelos eventos que ocorrem, quer por relações interdependentes e bidirecionais (Cox & Paley, 1997; Kreppner, 2000). De acordo com os modelos dos sistemas familiares, um sistema familiar funcional é caracterizado por subsistemas com fronteiras claras e flexíveis. Fronteiras claras não só possibilitam identificar os membros da família que pertencem a cada subsistema, como também especifica as funções e estatuto de cada subsistema dentro da família e promove a sua diferenciação e autonomia. Um dos indicadores mais comumente utilizados para avaliar a funcionalidade de um subsistema familiar é a sua capacidade de gerir e conter potenciais conflitos dentro do subsistema, utilizando os recursos próprios para a sua resolução (Alarcão, 2000).

Inerente às relações humanas, a investigação empírica tem demonstrado que os conflitos são fenómenos naturais e, portanto, encontram-se ligados às relações conjugais, como resultado de diferentes interesses, opiniões e perspetivas entre os membros do casal (Delatorre, Scheeren, & Wagner, 2017). As conceitualizações mais recentes sobre o conflito interpessoal sugerem que a existência de conflito por si só não é indicador de disfuncionalidade dentro de um subsistema. Dreu (2015), por exemplo, define conflito como um processo que se inicia quando um dos membros do subsistema sente que o outro membro fez ou irá fazer algo que influencia negativamente os seus valores, crenças, interesses ou normas. Desta forma, do ponto de vista conceitual, o que irá influenciar o funcionamento do subsistema conjugal não é a existência de conflito, mas principalmente as estratégias que o casal utiliza para o gerir e resolver e as consequências desta gestão para o próprio subsistema e para cada um dos seus membros (Thomas, 1992).

Assim, a forma como os casais resolvem os conflitos parece ser a dimensão do processo de conflito que tende a ter maior peso na predição do curso e da qualidade do seu relacionamento íntimo (Gottman, 1994; Bradbury & Karney, 2014). Por exemplo, Gottman (1993) encontrou que o funcionamento do subsistema conjugal, quando avaliado pelo risco de divórcio, satisfação conjugal e psicopatologia, era melhor preditor pelas estratégias utilizadas pelos membros do casal para resolver o conflito, do que pela frequência ou os seus conteúdos. Durante um conflito, casais funcionais distinguiram-se dos casais disfuncionais por apresentarem mais estratégias construtivas (e.g., humor, negociação) e menos estratégias destrutivas e uma gestão do conflito mais orientada para a sua resolução.

As estratégias de resolução conflito conjugal são definidas como os comportamentos através dos quais os parceiros tentam gerir os seus desacordos (Hock & Marchand, 2000). Do ponto de vista conceitual e metodológico, as estratégias de RCC são organizadas em dois tipos: estratégias de RCC construtivas e as estratégias de RCC destrutivas. As estratégias de RCC construtivas englobam comportamentos como afeição verbal e física, resolução de problemas, humor, negociação e apoio, e permitem que os casais lidem com os conflitos de maneira positiva (Cummings, Goeke-Morey, Harold & Shelton, 2003)

Por outro lado, as estratégias de RCC destrutivas são estratégias que contêm táticas de conflitos como agressão física, agressão verbal, ameaça e insulto pessoal (Cummings, Davies & McCoy, 2009). A investigação empírica tem conseguido mostrar evidência para três grandes tipos de estratégias destrutivas processualmente distinto entre si, apesar de poderem co-ocorrer simultaneamente no mesmo casal. As táticas destrutivas são organizadas entre estratégias de raiva, hostilidade e de retraimento. As estratégias de RCC de raiva são definidas pela frequência e intensidade de raiva durante a interação, envolvendo expressões de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao cônjuge (Lima, 2009). Por seu lado, as estratégias de RCC de hostilidade englobam interações como a rejeição do outro, frieza emocional, agressões física e psicológica refletindo desesperança sobre a relação (Glaser, Kiecolt-Glaser, Malarkey, & Newton, 1995; Conger & Melby, 2001; Cummings, Davies, & Sturge-Apple, 2006; Lima 2009; Fillo, Fletcher, Overall, & Simpson, 2015). Por fim, as estratégias de RCC de retraimento dizem respeito a expressões de negação, distanciamento, evitamento e fuga dirigidas ao cônjuge durante a interação (Cummings, Davies, & Sturge-Apple, 2006; Hock, & Marchand, 2000; Schwarz, & Siffert, 2011).

A utilização das estratégias de RCC tem sido associada de forma sistemática a diferentes indicadores do funcionamento do subsistema conjugal e do funcionamento psicológico dos seus membros. Investigações prévias mostraram que estratégias de RCC construtivas estão associadas a menor psicopatologia dos parceiros (Fincham, 2003), menor risco de divórcio (Gottman, 1993), maior satisfação sexual (Meltzer & McNulty, 2010) e maior sentimento de intimidade e sentido de futuro comum (Bermúdez, Gale, Lewis, Meyer, Stinson, & Templeton, 2017). Por seu lado, a utilização frequente de estratégias de RCC destrutivas tem estado associada a maior risco de psicopatologia e mais problemas somáticos e de saúde dos membros do casal, a maior risco de divórcio (Gottman, 1993), pior clima familiar (Hock, & Marchand, 2000; McCoy, Cummings & Davies, 2009) e maior risco do conflito se estender a outros subsistemas familiares, refletido em maior risco de conflito

coparental e problemas no exercício da parentalidade (Ahlqvist-Björkroth, et al., 2016).

Nesta linha de investigação, no que diz respeito ao impacto das estratégias de RCC na qualidade conjugal, a satisfação conjugal tem sido o indicador do funcionamento do subsistema conjugal que maior atenção empírica tem recebido. Diferentes definições de satisfação podem ser encontradas na literatura. Goulart, Scheeren, Vieira e Wagner (2014), definem satisfação conjugal como o grau de confiança, satisfação, respeito e interesses compartilhados pela díade. Por sua vez, Lavner, Karney, & Bradbury (2016), afirmam que a satisfação conjugal descreve a qualidade do relacionamento romântico entre os adultos, o que inclui a felicidade e a capacidade de resolver conflitos. Para estes autores níveis mais elevados de satisfação estão associados a uma melhor comunicação, sendo que os cônjuges mais satisfeitos parecem apresentar uma comunicação mais positiva, menos negativa e por sua vez mais efetiva (Lavner, Karney, & Bradbury, 2016). Por seu turno, a investigação empírica tem sustentado que, a satisfação conjugal para os adultos declina após o nascimento do primeiro filho, sendo mais acentuada entre as mulheres (Shapiro et al., 2000; Doss, Rhoades, Stanley & Markman, 2009). Esse declínio na satisfação conjugal pode resultar num retorno a papéis mais tradicionais e uma diminuição do tempo de lazer compartilhado (Cowan & Cowan, 1992; Campbell, Foster, & Twenge, 2004). Sendo que esta diminuição da satisfação conjugal poderá assumir um processo parcialmente adaptativo quando a díade está a adquirir novos papéis como mãe e pai, e quando a relação conjugal inclui o relacionamento coparental (Ahlqvist-Björkroth, et al., 2016).

Tal como referido, a investigação empírica tem sistematicamente demonstrado associações significativas entre as estratégias de RCC e a satisfação conjugal. Associações tem sido encontradas entre as diferentes estratégias de RCC construtivas e satisfação conjugal (Calhoun, Cann, Norman, & Welbourne, 2008; Domschke, Hanzal, & Segrin, 2009; Wheeler, Updegraff & Thayer, 2010). Por exemplo, Calhoun, Cann, Norman, & Welbourne (2008) mostraram que casais que utilizam humor durante a resolução do conflito apresentavam maior satisfação conjugal. Por sua vez, Gottman e Tabares (2018) encontraram que os comportamentos de apoio, como os elogios, foram também positivamente associados à satisfação conjugal.

Do mesmo modo, estudos transversais e longitudinais têm mostrado a relação empírica entre estratégias de RCC destrutivas e menor satisfação conjugal (McNulty & Russell, 2010; Gottman & Tabares, 2018). Gottman (2014) sugere que os casais infelizes tendem a ser mais negativos e também menos positivos, especialmente durante as conversas

sobre conflitos, utilizando críticas que são tóxicas para os casamentos. A crítica parece também estar associada a outros padrões de interação que predizem a instabilidade conjugal (Gottman & Tabares, 2018).

Apesar do pressuposto teórico da influência das estratégias de RCC na satisfação conjugal, alguns estudos tem demonstrado alguma variabilidade interpessoal na magnitude das relações estatísticas entre as duas variáveis. Mais especificamente, a literatura tem sugerido que, apesar de para a maioria dos casais, existir uma relação forte e positiva entre estratégias de RCC construtivas e satisfação conjugal e uma associação forte negativa entre estratégias de RCC destrutivas e satisfação conjugal, a natureza destas associações pode ser influenciada por variáveis individuais e sistêmicas (Goulart, Scheeren, Vieira & Wagner, 2014).

Por isso, compreender as fontes de variabilidade interindividual nestas relações surgem como um objetivo relevante da investigação, uma vez que permite informar a prática clínica e o desenvolvimento de programas de intervenção conjugal mais eficazes. Em particular, investigação anterior tem demonstrado que as orientações de vinculação e a psicopatologia dos membros dos casais podem intensificar ou atenuar o efeito de estratégias de RCC específicas na satisfação conjugal (Feeney, 1999; Marchand, 2004; Goulart, Scheeren, Vieira & Wagner, 2014; Feeney & Fitzgerald, 2018). Por exemplo, num estudo de Marchand (2004) os resultados demostraram que as mulheres com vinculação insegura eram menos suscetíveis à resolução de problemas de forma construtiva do que as que apresentavam vinculação segura, e que a frequência de conflitos foi maior em homens com vinculação insegura em comparação aos que tinham vinculação segura. Por sua vez, ao nível da influência da depressão na associação entre estratégias de RCC e satisfação conjugal, Baker e McNulty (2015) encontraram que os comportamentos de confronto foram associados positivamente à motivação dos casais entre os parceiros com baixos níveis de sintomas depressivos, mas negativamente associados à motivação dos casais entre os parceiros que apresentavam altos níveis de sintomas depressivos. Em contraste, comportamentos de regulação mais benevolentes, como validação e apoio, foram particularmente motivadores para parceiros deprimidos. Especificamente, as meta-análises confirmaram que as implicações de comportamentos benevolentes para a motivação dos parceiros também dependiam dos sintomas depressivos dos parceiros, de modo que esses comportamentos eram particularmente propensos a motivar os parceiros que experimentavam maiores sintomas depressivos (Marchand, 2004; Baker & McNulty, 2015).

A par destes estudos, alguns autores sugerem que características personológicas dos membros da díade conjugal podem também contribuir parcialmente para a explicação do investimento e manutenção de relações conjugais independentemente do grau de conflito e da satisfação percebida, nomeadamente a sociosexualidade (Li, Balley, Kenrick & Linsenmeier, 2002; Simpson, Wilson e Winterheld, 2004; Penke & Asendorpf, 2008; Brunell, Bryan, Laurenceau, Mahaffey, Smith, & Webster, 2015). A sociosexualidade, vista como uma dimensão da personalidade com origens evolutivas, refere-se à tendência e desejo dos seres humanos em envolverem-se em relações sexuais na ausência de ligação emocional ou compromisso com o parceiro (Gangestad, & Simpson, 1991). Pessoas com orientação sociosexual restrita tendem a sentir que o compromisso de relacionamento é necessário para a atividade sexual, podendo ser descritas como monogâmicas, enquanto que pessoas com orientação sexual não-restrita tendem a parecer confortáveis com relações sexuais sem compromisso, podendo ter múltiplos parceiros (Brunell, Bryan, Laurenceau, Mahaffey, Smith, & Webster, 2015). Para explicar a variabilidade interindividual nos relacionamentos, e a forma como lidam com os conflitos, assume-se que a sociosexualidade é um dos traços individuais que a explicam significativamente (Simpson, Wilson e Winterheld, 2004; Penke & Asendorpf, 2008; Brunell et al., 2015).

Inicialmente concetualizado como um construto unidimensional, propostas teóricas mais recentes têm defendido que a sociosexualidade é composta por atitudes, comportamentos e desejos sociosexuais. As atitudes sociosexuais são definidas como sendo a disposição avaliativa em relação ao sexo não comprometido. Como tal, pode implicar reflexões sobre o próprio desejo de proximidade emocional antes de fazer sexo, assim como reflexões sobre os sentimentos morais em relação a esse assunto (Asendorpf & Penke, 2008).

Os comportamentos sociosexuais referem-se à restrição ou não de atividade sexual quando não existe compromisso (e.g., Bryan & Webster, 2007; Asendorpf & Penke, 2008). Ao longo da vida, a história de comportamentos sociosexuais de um indivíduo reflete a sua alocação geral de esforço (em termos de tempo, energia, dinheiro e outros recursos limitados) para táticas de acasalamento de curto prazo versus longo prazo (ou seja, encontrar e namorar uma variedade de parceiros sexuais versus investir em um único relacionamento comprometido e filhos) (Asendorpf & Penke, 2008). Enquanto que o desejo sociosexual é definido como um estado motivacional que se caracteriza pelo aumento do interesse sexual e que é frequentemente acompanhado por excitação sexual subjetiva e fantasias sexuais. Mas, o desejo sociosexual não restrito vem com uma atração sexual que é especificamente

direcionada a parceiros de acasalamento aos quais não existe uma relação romântica comprometida (Simpson, Wilson, & Winterheld, 2004; Asendorpf & Penke, 2008).

A hipótese de que a sociosexualidade parece estar negativamente ligada à satisfação do relacionamento nos casais e de que as pessoas que relatam o desejo de ter múltiplos parceiros sexuais (sociosexualidade não restrita) podem sentir-se insatisfeitas nas relações românticas ainda permanece inexplorada segundo o modelo do investimento (Brunell, Bryan, Laurenceau, Mahaffey, Smith, & Webster, 2015). No entanto, esta associação foi suportada, para ambos os sexos, numa amostra com a população portuguesa (Neto, 2015). Uma vez que se sabia que a satisfação amorosa estava positivamente ligada ao comprometimento com o relacionamento ao longo da vida adulta (Neto & Pinto, 2014) e que pessoas com sociosexualidade restrita geralmente têm maior pontuação no bem-estar (Gangestad & Simpson, 1990), assumiu-se que a sociosexualidade deve estar associada negativamente à satisfação amorosa (Neto, 2015).

Ainda em estudos com população portuguesa, a investigação tem demonstrado que as mulheres com orientação sociosexual restrita apresentam níveis superiores de satisfação conjugal quando a aliança coparental é alta, mas também exibem os menores níveis de satisfação conjugal quando a aliança de coparentalidade é baixa. O mesmo padrão foi encontrado para conflitos coparentais. Esses resultados trazem a atenção de que o alto conflito coparental é particularmente prejudicial para a satisfação conjugal para mulheres com orientação sociosexual restrita (Lamela, Jongenelen, Morais, 2017).

A sociosexualidade aparece também negativamente associada ao nível de atração física forte, intensidade emocional, preferência na aparência física e sensação de relacionamento inevitável – denominado por Eros, uma vez que, pessoas com orientações restritas parecem apresentar um elevado estilo de Eros, quando comparadas com quem tem orientações sociosexuais não restritas (Neto, 2015). Já o compromisso com o relacionamento parece positivamente associado à sociosexualidade, para ambos os sexos. Logo, o amor erótico, a satisfação amorosa e o compromisso contêm a tríade de aspetos associados a uma orientação sociosexual mais restrita: maior amor, compromisso e proximidade emocional (Gangestad & Simpson, 1991; Neto, 2015).

Tendo em conta estes resultados empíricos que apontam para o efeito da sociosexualidade em diferentes variáveis dos relacionamentos românticos, é plausível colocar a hipótese que o efeito das estratégias RCC na satisfação conjugal possa ser distinto em magnitude entre as mulheres com orientação sociosexual restrita e mulheres com

orientação sociosexual não-restrita, esperando-se que mulheres com uma orientação sociosexual mais restrita apresentem maior variação na satisfação conjugal em função das estratégias de RCC.

Mais concretamente, as formulações teóricas preconizam que, em comparação com as mulheres com uma orientação sociosexual não-restrita, as mulheres com uma orientação sociosexual restrita tendem a investir mais os seus recursos num único parceiro, o que gera, por consequência, elevadas expectativas sobre a capacidade de a relação conjugal fornecer um elevado envolvimento emocional, um forte sentido de compromisso, vínculo e intimidade. Uma vez que as estratégias de RCC destrutivas são caracterizadas pela rejeição emocional, pelo reduzido suporte e pela ameaça ao self, a sua existência pode ser interpretada como defraude destas expectativas face ao elevado investimento realizado, o que se reflete numa maior insatisfação com qualidade da relação conjugal. Em contraste, as estratégias de RCC construtivas, caracterizadas pela negociação, complementaridade e segurança emocional, podem ser percecionadas pelas mulheres com orientação sociosexual restrita como indicador que realizaram um bom investimento no parceiro íntimo, contribuindo para variações positivas mais significativas na satisfação conjugal.

Tal não significa, no entanto, que uma orientação sociosexual não-restrita neutralize o efeito negativo das estratégias RCC destrutivas e o efeito positivo das estratégias RCC construtivas na satisfação conjugal. De acordo com o modelo do investimento (Rusbult, 1983; Brunell, Bryan, Laurenceau, Mahaffey, Smith, & Webster, 2015), a satisfação conjugal varia em função da forma como a relação romântica oferece elevadas recompensas, baixos custos e cumpre ou excede as expectativas colocadas na qualidade da relação. Assim, é esperado que estratégias de RCC destrutivas sejam lidas como elevados custos da relação íntima, o que reduz a sua satisfação conjugal, independentemente da orientação sociosexual. Todavia, é possível colocar em hipótese que as mulheres com uma orientação sociosexual não-restrita apresentem menor redução da satisfação conjugal, uma vez que é esperado que apresentem menores expectativas sobre a evolução, duração e qualidade da relação conjugal, a par de um menor compromisso emocional e maior desejo e predisposição atitudinal para investir os seus recursos em diferentes relacionamentos.

Por isso, é possível equacionar que, dado que as mulheres com orientação sociosexual restrita tendem a fazer um maior investimento na relação conjugal, quer em dimensão (i.e., investimento de todos os seus recursos internos e externos num único parceiro), quer na natureza (i.e., investimento numa relação de elevado compromisso

emocional), sejam estas que apresentem os maiores ganhos ou as maiores perdas percebidos resultantes do funcionamento conjugal. Apesar da plausibilidade da potencial influência da sociosexualidade na associação entre estratégias de RCC e satisfação conjugal, esta hipótese nunca foi, contudo, estudada empiricamente. Desta forma, o presente estudo tem dois objetivos. O primeiro, foi testar as associações entre as estratégias de RCC destrutivas (estratégias de raiva, hostilidade e retraimento) e construtivas e satisfação conjugal. O segundo objetivo foi examinar o efeito moderador das atitudes sociosexuais na associação entre (a) estratégias construtivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal e (b) estratégias destrutivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal. Hipotetizou-se assim que a associação entre estratégias de RCC construtivas e satisfação conjugal apresentaria maior magnitude nas mulheres com atitudes sociosexuais restritas, do que nas mulheres com atitudes sociosexuais não-restritas. Adicionalmente, com base no nosso racional teórico, hipotetizou-se que a associação negativa entre estratégias de RCC destrutivas e satisfação conjugal seria maior em magnitude para as mulheres com atitudes sociosexuais restritas.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 242 mulheres a residir em Portugal, com idades compreendidas entre os 20 e 51 anos de idade ($M = 35.30$; $SD = 5.44$). A maioria das participantes relatou ter formação de ensino superior (56.1%) e estar empregada (83%). A média do rendimento financeiro mensal foi 1205€ ($SD = 1555.00$). A duração média do atual relacionamento íntimo é de aproximadamente 13.0 anos ($SD = 5.95$), sendo que a mediana do número de filhos é 2. A média de idade dos filhos foi 3.76 anos ($SD = 3.38$; variação 2 e 6 anos), sendo 54% do sexo masculino.

Medidas

Estratégias de resolução de conflito conjugal. As estratégias de RCC construtivas, de hostilidade, de retraimento e de raiva foram avaliadas através de quatro subescalas da Conflicts and Problem-Solving Scales (CPS; Kerig, 1996). Na CPS, é

questionada a probabilidade que as participantes e o seus parceiros de usarem uma estratégia de RCC em particular durante disputas conjugais. Os itens das subescalas foram cotados numa escala de *Likert* de quatro pontos (0 ‘nunca’ a 4 ‘quase sempre’), representando a frequência com que as participantes e/ou seus parceiros utilizam determinada estratégia. O *score* total de cada subescala é obtido através do cálculo da média dos itens que compõem a subescala (variação de 0 a 4). Quanto maior a pontuação, maior a utilização da estratégia de RCC avaliada pela subescala. As estratégias de RCC construtivas foram avaliadas através da subescala de Cooperação (e.g., ‘Somos bons a fazer pausas quando o ambiente fica tenso’). A subescala de Agressão Verbal mediu as estratégias de RCC de hostilidade (e.g., ‘Eu critico o meu companheiro’). A estratégia de RCC de raiva foi medida através da subescala de Agressividade Física, que avalia a ameaça e/ou utilização de coerção física no conflito conjugal (e.g., ‘Damos empurrões, puxões, agarrões ou atiramos objetos’). A estratégia de RCC de retraimento foi avaliada pela subescala Evitamento-Capitulação (e.g., ‘Amuamos, recusamos falar um com o outro’). A versão portuguesa do instrumento será resultado do presente projeto de investigação. A consistência interna das subescalas no presente estudo foi de .84 para a subescala de Cooperação, .81 para a subescala de Agressão Verbal, .75 para a subescala de Agressão Física e .78 para a subescala de Evitamento-Capitulação.

Orientação Sociosexual. A Orientação sociosexual foi medida através do Sociosexual Orientation Inventory SOI - O Inventário de Orientação Sociosexual –Revisto (Gangestad & Simpson, 1991; versão portuguesa de Neto, 2016) - O SOI-R é uma medida de 9 itens que avalia a tendência dos indivíduos para se envolverem em encontros sexuais de curto prazo e baixo comprometimento. A pontuação total é calculada pela média de todos os itens, variando de 1 a 5 (por exemplo, "Ao longo da sua vida, com quantos parceiros diferentes fez sexo, apenas uma vez?"). As pontuações baixas refletem maior orientação sociosexual "restrita" (ou seja, mais interesse em estratégias de acasalamento de longo prazo), enquanto altas pontuações indicam maior orientação social menos restrita (ou seja, mais interesse em estratégias de acasalamento de curto prazo). A versão portuguesa demonstrou valores psicométricos satisfatórios. A consistência interna na atual amostra foi de .81.

Satisfação conjugal. A satisfação conjugal foi a medida através da escala Couple Satisfaction Index (CSI; Funk & Rogge, 2007, versão portuguesa Lamela, Morais, & Jongenelen, 2015). A CSI mede a satisfação com o parceiro romântico/íntimo em quatro itens, numa escala de *Likert* de 7 pontos. O *score* total é alcançado pela soma de todos os itens (variação da pontuação total 4-24). Os valores mais altos indicam maior satisfação conjugal. A versão portuguesa mostrou boas qualidades psicométricas (Figueiredo, Lamela, Morais, & Jongenelen, 2015). Na atual amostra, a consistência interna foi de .89.

Procedimento

Para a recolha de dados dos participantes foi construído um inquérito *online*. Estabeleceram-se quatro critérios de inclusão: ser do sexo feminino, ter mais de 18 anos, residir em Portugal e ter filhos na idade pré-escolar. O inquérito *online* esteve disponível entre abril e julho de 2018 numa plataforma *online* (survs.com). Foi primeiramente apresentado um consentimento informado onde se expuseram os objetivos, os critérios de inclusão, procedimentos do estudo, questões de confidencialidade, procedimentos de consentimento ou não consentimento de participação, métodos de tratamento dos dados e os contactos da equipa de investigação. Foi garantido às participantes o total anonimato das respostas, dado que não foram questionadas informações que diretamente pudessem identificar a participante (e.g., nome ou e-mail), nem foram recolhidas informações sobre o endereço IP nem outro dado de identificação informática. O consentimento informado foi obtido ao seleccionar a opção de “página seguinte”, que correspondia ao acesso ao inquérito, cujo tempo estimado de preenchimento foi de 15 a 20 minutos. As participantes foram recrutadas via fóruns *online* e divulgação *online* (e.g., redes sociais e meios de comunicação social). Foi fornecido às participantes que o desejaram, um *feedback* individual das dimensões cientificamente validadas do funcionamento conjugal e coparental avaliadas no presente estudo.

Para garantir a qualidade dos dados, foram seguidas recomendações metodológicas e éticas para a investigação *online* da *American Psychological Association*, tais como, por exemplo, a aplicação de procedimentos de consentimento informado e o desenho de um plano parcimonioso de recrutamento de participantes. Foram também aplicados procedimentos de proteção contra amostras potencialmente enviesadas, como a inclusão de uma questão sobre o número de vezes que a participante estava a responder ao questionário

e a inclusão de sete itens de avaliação da validade das respostas (The Directed Questions Scale - DQS, Maniaci & Rogge, 2014). Estes itens de validade das respostas da DQS (e.g., “Deixe este item por responder”, “Este é um item de controlo. Deixe este item em branco”, “Este é um item de controlo. Selecione a opção - Concordo totalmente”) tem como objetivo identificar respostas ao inquérito dadas potencialmente ao acaso ou com baixo nível de atenção e/ou esforço. De acordo com os procedimentos recomendados pelos autores, participações com duas ou mais respostas incorretas nestes itens de controlo foram eliminadas da amostra final de participantes por não cumprirem critérios de fiabilidade das respostas (Maniaci & Rogge, 2014).

Posteriormente à recolha de dados, foram efetuados procedimentos de limpeza de dados em investigações com recolha de dados *online*, de acordo com as recomendações de Funk e Rogge (2007). Assim, foram eliminadas participantes que: (1) não cumpriram os critérios de inclusão, (2) afirmaram não ser a primeira a vez que estavam a responder ao protocolo; (3) não completaram 70% do total do protocolo e/ou deixaram quatro itens por preencher do instrumento que avaliava a variável dependente (4) responderam incorretamente a dois ou mais itens de controlo da DQS (Maniaci & Rogge, 2014). Das 296 participações contabilizadas pelo sistema informático de recolha de dados, foram invalidadas 54 participações (18.2% do total de participantes) por não cumprirem pelo menos um destes quatro critérios. Assim, 20 participantes foram eliminados por não cumprirem os critérios de inclusão (9 eram do sexo masculino, 6 tinham filhos com idade superior a 6 anos, 2 não estavam em território português e 3 não estavam numa relação romântica com o pai do filho), 2 por afirmarem que não foi a primeira vez que responderam ao questionário, 18 por não terem completado pelo menos 70% do protocolo e, finalmente, 14 participantes por terem respondido incorretamente a dois ou mais itens de controlo da DQS.

Análise de Dados

Foi conduzida inicialmente uma análise correlacional bivariada para preliminarmente observar a significância, força e direccionalidade das correlações entre as principais variáveis em estudo. De seguida, com o objetivo de identificar os preditores da satisfação conjugal, foi conduzida uma análise de regressão linear hierárquica. A idade, duração do relacionamento íntimo, número de filhos e o grau de satisfação sexual foram incluídos no

Bloco 1 do modelo como covariáveis, uma vez que a investigação prévia ter sugerido que estas variáveis sociodemográficas podem estar associadas às variáveis conjugais (Fincham, 2003). As estratégias RCC construtivas, as estratégias de RCC de retraimento, de hostilidade e de raiva entraram no modelo no Bloco 2. As atitudes sociosexuais foram incluídas no Bloco 3. Para testar os efeitos de moderação, foram introduzidas, finalmente, no Bloco 4 interações *two-way* entre o moderador (atitudes sociosexuais) e as estratégias de resolução conflito conjugal que atingiram significância estatística no Bloco 2. Assim, só foram testados os termos de interação cuja a variável independente foi individualmente significativa no Bloco 2. Em caso de significância de um termo de interação, a interação entre a variável independente e as atitudes sociosexuais foram examinadas através de análises post-hoc dos declives (*simple slope analysis*) (Aiken & West, 1991). Testes de diferenças de declives foram também realizados para investigar o efeito da potencial interação. Estes testes examinaram se as diferenças entre declives foram significativamente diferentes de zero (Dawson & Richter, 2006). Antes de serem conduzidas as análises de regressão hierárquica e análises de declives, todas as variáveis foram standardizadas (*z scores*) para minimizar a multicolineariedade (Cohen, Cohen, West, & Aiken, 2003). A análise de dados foi realizada com recurso ao SPSS versão 23.

Resultados

A Tabela 1 apresenta as médias e o desvio-padrão das principais variáveis do estudo. Foram realizadas correlações bivariadas preliminares para determinar a associação entre as variáveis. Na globalidade, as associações entre as variáveis do estudo apresentaram associações significativas nas direções esperadas, à exceção da duração da relação íntima e número de filhos, que não se mostraram associadas com as estratégias de RCC, satisfação conjugal, atitudes sociosexuais e satisfação sexual. Adicionalmente, as atitudes sociosexuais apenas mostraram correlação significativa com a satisfação conjugal.

Tabela 1. *Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis*

Variável	Média	SD	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
1. Satisfação conjugal	18.92	4.02	-							
2. Estratégias construtivas RCC	3.04	0.91	.43**	-						

3. Estratégias retraimento RCC	2.10	0.72	-.21**	-.09	-					
4. Estratégias hostilidade RCC	1.80	0.72	-.43**	-.38**	.35**	-				
5. Estratégias raiva RCC	1.48	0.50	-.35**	-.42**	.22**	.64**	-			
6. Atitudes sociosexuais	19.62	6.89	.29**	.04	-.08	-.10	-.04	-		
7. Satisfação sexual	4.87	1.82	.49**	.20**	-.15*	-.22**	-.16*	.17**	-	
8. Duração relação íntima	12.24	6.11	-.04	-.08	-.04	.02	.06	.09	.01	-
9. Número de filhos	2.59	0.82	-.04	.006	.10	.01	-.03	-.09	.01	.31**

Nota. RCC = resolução conflito conjugal. * $p < .01$. ** $p < .001$.

Tal como apresentado na Tabela 2, o modelo final de regressão hierárquica para a predição da satisfação conjugal, tendo as covariáveis, as estratégias de RCC (estratégias construtivas, retraimento, hostilidade e raiva), as atitudes sociosexuais e os termos de interação como preditores, foi significativo, $F(11, 231) = 17.91, p < .001$. O modelo final explicou 52% da variância da satisfação conjugal. O Bloco 1 contribuiu para a variância na satisfação conjugal, $F(4, 238) = 20.42, p < .001$, em que a satisfação sexual se mostrou um preditor significativo da satisfação conjugal. Os resultados para o Bloco 2 indicaram que a introdução das estratégias de resolução de conflito conjugal contribuíram significativamente a variância na satisfação conjugal ($R^2 = .15, p < .001$), em que as estratégias construtivas e as estratégias de hostilidade revelaram-se como preditoras significativas da variável dependente. De seguida, as atitudes sociosexuais inseridas no Bloco 3 contribuiriam significativamente para a variância na satisfação conjugal. Finalmente, os termos de interação introduzidos no Bloco 4 contribuiriam significativamente para a variância na satisfação conjugal, tendo o termo de interação estratégias construtivas de RCC \times atitudes sociosexuais ter-se mostrado um preditor significativo. O termo de interação estratégias de hostilidade de RCC \times atitudes sociosexuais não atingiu a significância estatística.

Tabela 2. *Regressão Hierárquica Predizendo Satisfação Conjugal com as Atitudes Sociosexuais como Moderador*

Variável	B (SE)	B	R^2	ΔR^2
Bloco 1				
Idade	-0.14 (0.08)	-.13		
Duração relação íntima	-0.02 (0.06)	-.02		
Número de filhos	0.04 (0.07)	.04		
Satisfação sexual	0.51 (0.06)	.53***		
$F(4, 238)$		20.42***	.29***	

Bloco 2				
Estratégias construtivas RCC	0.22 (0.06)	.24***		
Estratégias retraimento RCC	-0.10 (0.06)	-.11		
Estratégias hostilidade RCC	-0.18 (0.08)	-.19**		
Estratégias raiva RCC	-0.19 (0.08)	-.02		
ΔF (8, 234)	12.24		.44	.15***
Bloco 3				
Atitudes sociosexuais	0.23 (0.05)	.24***		
ΔF (9, 233)	19.73***		.49	.05***
Bloco 4				
Estratégias construtivas RCC				
× Atitudes sociosexuais	-0.12 (0.06)	-.12*		
Estratégias hostilidade RCC				
× Atitudes sociosexuais	0.05 (0.05)	.06		
ΔF (11, 231)	3.77*		.52	.03*

Nota. RCC = resolução conflito conjugal. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Com vista a interpretar estes resultados obtidos no Bloco 4, o efeito de interação entre as estratégias construtivas de RCC e as atitudes sociosexuais foi analisado através da execução de um diagrama da predição da satisfação conjugal com baixos (- 1 *SD*) e altos (+ 1 *SD*) níveis de estratégias construtivas de RCC dependendo das baixas (- 1 *SD*) e altas (+ 1 *SD*) atitudes sociosexuais. Os resultados são mostrados na Figura 1. Os testes post-hoc de declive mostraram que a associação entre as estratégias construtivas de RCC e a satisfação conjugal não foi significativa a altos níveis de atitudes sociosexuais, $B = 0.14$, $t = 1.98$, *ns*. Por outro lado, a associação entre as estratégias construtivas de RCC e a satisfação conjugal foi significativa a baixos níveis de atitudes sociosexuais, $B = 0.38$, $t = 5.37$, $p < .001$. Através da análise da Figura 1, verifica-se que as participantes com baixos níveis de atitudes sociosexuais e baixos níveis de estratégias construtivas de RCC apresentaram níveis mais baixos de satisfação conjugal, do que as participantes com baixos níveis de atitudes sociosexuais e altos níveis de estratégias construtivas de RCC.

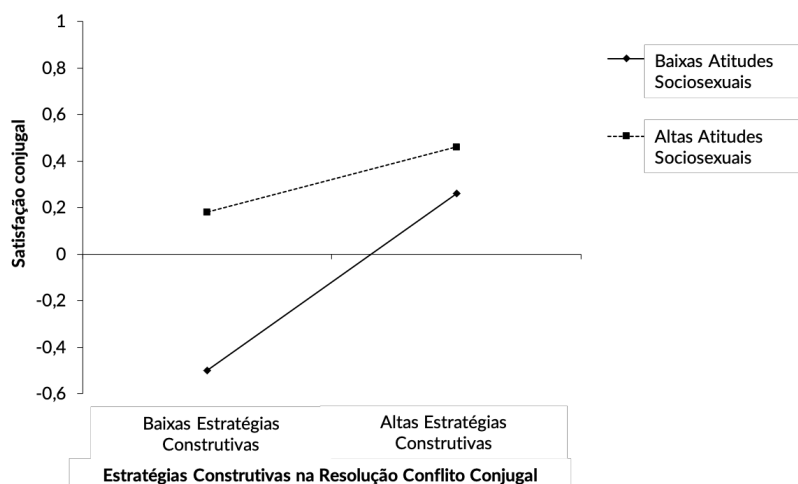


Figura 2. Interação entre as estratégias construtivas de RCC e as atitudes sociosexuais na predição da satisfação conjugal.

Discussão

O presente estudo com design transversal pretendeu responder a dois objetivos, em que o primeiro, foi testar as associações entre as estratégias de RCC destrutivas (estratégias de raiva, hostilidade e retraimento) e construtivas e satisfação conjugal. O segundo objetivo foi examinar o efeito moderador das atitudes sociosexuais na associação entre (a) estratégias construtivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal e (b) estratégias destrutivas de resolução conflito conjugal e a satisfação conjugal. Este estudo demonstra-se relevante de duas formas, a primeira prende-se com a novidade apresentada: o uso da variável “atitudes sociosexuais” como moderadora; a segunda porque permite expandir a literatura empírica prévia sobre a interação das variáveis em estudo, na medida em que aprofunda o conhecimento e a compreensão do fenómeno.

Tal como esperado no primeiro objetivo, os nossos resultados mostraram associações significativas entre as estratégias de RCC e a satisfação conjugal e que tendem a variar em relação a como afetam a satisfação conjugal pois, como é possível observar na tabela 1, as estratégias construtivas afetam positivamente a satisfação conjugal e as estratégias destrutivas afetam de forma negativa, corroborando com estudos prévios onde a pesquisa correlacional estabeleceu que os casais infelizes tendem a ser mais negativos e também menos positivos uns com os outros, especialmente durante o conflito. Estando, por exemplo, as críticas descritas como tóxicas para os casamentos e estão incluídas nos quatro afetos

negativos específicos encontrados para prever o sofrimento e a dissolução conjugal enquanto os comportamentos de suporte e elogios estão associados à satisfação conjugal (Gottman, & Tabares 2018). Além disso, do ponto de vista da teoria do conflito, os casais que são capazes de abordar o conflito de maneira construtiva percebida provavelmente terão maior compreensão das necessidades de cada parceiro e, por sua vez, promoverão maior satisfação conjugal para ambos os parceiros. Por outro lado, os casais que não conseguem entender a direção do conflito irão promover ainda mais a insatisfação no relacionamento (Bermúdez, Gale, Lewis, Meyer, Stinson, & Templeton, 2017).

A duração da relação íntima não se mostrou associada às estratégias de RCC, atitudes sociosexuais e satisfação conjugal. Tal significa que o número de anos da relação não tem influência sobre o uso de estratégias de RCC que as participantes utilizam, também não tem efeito sobre as atitudes sociosexuais positivas ou negativas e não tem influência sobre a maior ou menor satisfação conjugal das participantes. Este resultado corrobora com a investigação de Christiana, Grace e Igbo (2015), onde a duração do casamento não mostrou relação significativa com o uso de estratégias de resolução de conflito. No entanto, em estudos anteriores a duração do casamento foi descrita como sendo o melhor preditor da satisfação conjugal (e.g., Henry, Jackson, Miller, & Oka, 2014).

Com vista a examinar o segundo objetivo, foi realizada uma regressão hierárquica que confirmou que tanto as estratégias de RCC como as atitudes sociosexuais se mostraram preditores da satisfação conjugal. No entanto, na divisão por blocos pudemos observar que a satisfação sexual foi um preditor muito significativo da satisfação conjugal de modo que aqueles que relataram maior satisfação com suas vidas sexuais tendem a ver o seu casamento de uma forma mais positiva. Estes resultados são consistentes com o trabalho de Meltzer e McNulty (2010) que sugeriram que ter uma vida sexual ativa aumentou a satisfação sexual dos cônjuges, que, por sua vez, melhorou a qualidade geral do casamento. Devido a este resultado tão expressivo, esta variável deve ser estudada com maior detalhe no modelo em futuros estudos.

Os nossos resultados demonstraram que apenas as estratégias construtivas quando associadas às atitudes sociosexuais são preditoras da satisfação conjugal, corroborando com investigações prévias que mostraram que estratégias de RCC construtivas estão associadas a menor psicopatologia dos parceiros (Fincham, 2003), menor risco de divórcio (Gottman, 1993), maior satisfação sexual (Meltzer & McNulty, 2010) e maior sentimento de intimidade e sentido de futuro comum (Bermúdez, Gale, Lewis, Meyer, Stinson, & Templeton, 2017).

No entanto, no que diz respeito à moderação das atitudes sociosexuais, os nossos resultados mostraram que apenas existiu significância estatística a baixos níveis de atitudes sociosexuais e por essa razão não nos é possível confirmar H1 e H2, pois não seria correto estabelecer uma comparação. Ainda assim, se existisse significância ao nível das altas atitudes sociosexuais o presente estudo refutaria H1 e H2, uma vez que ao analisar a figura 1 podemos observar níveis mais elevados de satisfação conjugal para as participantes com altas atitudes sociosexuais tanto no uso de baixas estratégias de RCC construtivas, como no uso de altas estratégias de RCC construtivas, o que seria um resultado surpreendente à luz da literatura uma vez que era esperado que apresentassem menores expectativas sobre a evolução, duração e qualidade da relação conjugal, a par de um menor compromisso emocional e maior desejo e predisposição atitudinal para investir os seus recursos em diferentes relacionamentos.

Por sua vez, verifica-se que as participantes com baixos níveis de atitudes sociosexuais e baixos níveis de estratégias construtivas de RCC apresentaram níveis mais baixos de satisfação conjugal, do que as participantes com baixos níveis de atitudes sociosexuais e altos níveis de estratégias construtivas de RCC. Podemos então concluir que o uso de altos níveis de estratégias de RCC construtivas são necessários para maior satisfação conjugal de mulheres com atitudes sociosexuais restritas.

Este estudo apresentou algumas limitações que devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Em primeiro, tratou-se de um estudo de design transversal, que dada a avaliação ter ocorrido num só momento, não permitiu estudar a evolução desenvolvimental dos construtos e, por essa razão, relações de causa-efeito não podem ser estabelecidas. Neste sentido, sugere-se, para investigações futuras, o desenvolvimento de estudos com *design* longitudinal de forma a compreender o efeito moderador das atitudes sociosexuais se altera ao longo do tempo na relação entre estratégias de RCC e da satisfação conjugal. Outra sugestão será o estabelecimento de um termo de comparação destas variáveis com a satisfação sexual (por ter sido um preditor muito significativo da satisfação conjugal) ou com a parentalidade, tendo em conta que a nossa amostra é apenas de mães, seria interessante estudar estas variáveis em mulheres sem filhos. Em segundo, este estudo foi apenas realizado com mulheres com filhos e numa relação íntima heterossexual. Apesar desta homogeneidade entre as participantes ter permitido aumentar o poder estatístico das análises, esta variabilidade limitada diminui a possibilidade de generalização destes resultados a homens e mulheres com outro estado civil e a díades compostas por pais do

mesmo sexo. Com isto, seria interessante em estudos futuros o estabelecimento de comparações de género. Em terceiro, os dados foram recolhidos com recurso a medidas de autorrelato. Apesar de investigação anterior ter demonstrado elevada correlação entre as medidas de autorrelato utilizadas e outras medidas observacionais (e.g., Abidin & Konold, 1999), a utilização adicional destas medidas adicionais iria aumentar a precisão dos resultados obtidos e reduzir potenciais fontes de variância partilhada.

Apesar das limitações, o nosso estudo foi o primeiro a avaliar o efeito moderador das atitudes sociosexuais na associação entre as estratégias de resolução de conflito conjugal e a satisfação conjugal, tendo implicações para a prática, na medida em que os clínicos precisam avaliar não apenas como cada parceiro gere o conflito conjugal, mas também que atitudes têm face à sociosexualidade para uma maior satisfação conjugal. Esta ideia parece relevante na terapia conjugal, uma vez que a investigação em sexualidade está a tornar-se cada vez mais indispensável para que os relacionamentos românticos possam beneficiar de maior bem-estar pessoal e qualidade do relacionamento (Cabaceira, De Visser, Lopes, Pereira, & Rodrigues, 2019).

Referências

- Abidin, R., & Konold, T. (1999). Parenting Alliance Measure: Professional manual. Odessa FL: Psychological Assessment Resources.
- Ahlqvist-Björkroth, S., Aromaa, M., Korja, R., Piha, J., Lavanchy-scaiola, C., Otava, R., & Riih , H. (2016). Mother's marital satisfaction associated with the quality of mother-father-child triadic interaction. *Scandinavian Journal of Psychology*, 57, 305-312. doi: 10.1111/sjop.12294
- Alarc o, M. (2000). *(des) Equil rios familiares*. Coimbra: Quarteto, 51-61.
- Asendorpf, J., & Penke, L. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1113-1135. doi:10.1037/0022-3514.95.5.1113
- Baker, L. R., & McNulty, J. K. (2015). Adding insult to injury: Partner depression moderates the association between partner-regulation attempts and partners' motivation to resolve interpersonal problems. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41, 839-852. doi:10.1177/0146167215580777
- Beck, L. A., Pietromonaco, P. R., DeBuse, C. J., Powers, S. I., & Sayer, A. G. (2013). Spouses' attachment pairings predict neuroendocrine, behavioral, and psychological responses to marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105, 388. doi:10.1037/a0033056
- Bermúdez, J. M., Gale, J., Lewis, D., Meyer, A. S., Stinson, M. A., & Templeton, G. B. (2017). Marital Satisfaction, Conflict Resolution Styles, and Religious Attendance Among Latino Couples: Using the Actor-Partner Interdependence Model. *The Family Journal*, 25(3), 215-223. doi: 10.1177/1066480717710645

- Bradbury, T. N., Karney, B. R., & Lavner, J. A., Lavner, J. A. (2016). Does couples' communication predict marital satisfaction, or does marital satisfaction predict communication? *Journal of Marriage and Family*, 78, 680-694. doi: 10.1111/jomf.12301
- Brase, G. L., Dillon, H. M., & Strouts. (2017). Personality and evolutionary strategies: The relationships between HEXACO traits, mate value, life history strategy, and sociosexuality. *Personality and Individual Differences*, 115, 128-132. doi: 10.1016/j.paid.2016.03.047
- Brunell, A.B., Bryan, A. D., Laurenceau, J. P., Mahaffey, A. L., Smith, C. V., & Webster, G. D. (2015). An investment model of sociosexuality, relationship satisfaction, and commitment: Evidence from dating, engaged, and newlywed couples. *Journal of Research in Personality*, 55, 112-126. doi: 10.1016/j.jrp.2015.02.004
- Bryan, A., & Webster, G. D. (2007). Sociosexual attitudes and behaviors: Why two factors are better than one. *Journal of Research in Personality*, 41, 917-922. doi: 10.1016/j.jrp.2006.08.007
- Cabaceira, I., De Visser, R., Lopes, D., Pereira, M., & Rodrigues, D. L., (2019). Sociosexual attitudes and quality of life in (non) monogamous relationships: the role of attraction and constraining forces among users of the Second Love web site. *Archives of sexual behavior*, 1-15.
- Calhoun, L. G., Cann, A., Norman, M. A., & Welbourne, J. L., (2008). Attachment styles, conflict styles and humour styles: Interrelationships and associations with relationship satisfaction. *European Journal of Personality: Published for the European Association of Personality Psychology*, 22, 131-146. doi: 10.1002/per.666

- Campbell, W. K., Foster, C. A., & Twenge. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65, 574–583. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.00574.x
- Christiana, E. O. Grace, A. R., & Igbo, H. I. (2015). Relationship between duration of marriage, personality trait, gender and conflict resolution strategies of spouses. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 190, 490-496. doi:10.1016/j.sbspro.2015.05.032
- Conger, R. D., & Melby, J. N. (2001). The Iowa family interaction rating scales: Instrument summary. In *Family observational coding systems* (pp. 33-53). London: Lawrence Erlbaum Associates, publishers.
- Cowan, C., & Cowan, P. (1992). *When partners become parents: The big life changes for couples*. New York: Basic. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742
- Cox, M., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243-267. doi:10.1146/annurev.psych.48.1.243
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Sturge-Apple, M. L., (2006). Hostility and withdrawal in marital conflict: Effects on parental emotional unavailability and inconsistent discipline. *Journal of Family Psychology*, 20, 227. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.227
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & McCoy, K. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50, 270-279. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of US and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17, 327. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.327

- De Dreu, C. K. W. (2015). *Conflict and Conflict Management. Wiley Encyclopedia of Management, 1–4*. doi:10.1002/9781118785317.weom110127
- Delatorre, M., Scheeren, P., & Wagner, A. (2017). Marital Conflict: Evidences of Validity of a Conflict Resolution Scale in Couples in Southern Brazil. *Avances en Psicología Latinoamericana, 35*, 79-94. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742
- Domschke, T. J., Hanzal, A., & Segrin, C. (2009). Accuracy and bias in newlywed couples' perceptions of conflict styles and the association with marital satisfaction. *Communication Monographs, 76*, 207-233. doi:10.1080/03637750902828404
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M. & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: An 8-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology, 96*, 601–619. doi: 10.1037/a0013969
- Feeney, J. A. (1999). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships, 6*, 169-185. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1999.tb00185.x>
- Feeney, J., & Fitzgerald, J. (2018). Attachment, conflict and relationship quality: Laboratory-based and clinical insights. *Current opinion in psychology*. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.04.002>
- Figueiredo, B., Lamela, D., Morais, A., & Jongenelen, I. (2015). Does sociosexuality moderate the association between coparenting and marital satisfaction in women with a romantic partner? Manuscript submitted for publication
- Fillo, J., Fletcher, G. J., Overall, N. C., & Simpson, J. A., (2015). Attachment insecurity, biased perceptions of romantic partners' negative emotions, and hostile relationship behavior. *Journal of personality and social psychology, 108*, 730. <http://dx.doi.org/10.1037/a0038987>
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: Correlates, structure, and context. *Current Directions in Psychological Science, 12*, 23-27. doi: 10.1111/1467-8721.01215

- Funk, J., & Rogge, R. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index. *Journal of Family Psychology*, 21, 572. doi:10.1037/0893-3200.21.4.572
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870. doi: 10.1037/0022-3514.60.6.870
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and brain sciences*, 23, 573-587. doi: 10.1017/S0140525X0000337X
- Glaser, R., Kiecolt-Glaser, J. K., Malarkey, W. B., & Newton, T. L., (1995). Conflict and withdrawal during marital interaction: The roles of hostility and defensiveness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 512-524. doi:10.1177/0146167295215009
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 6. doi:10.1037/0022-006X.61.1.6
- Gottman, J. M. (2014). *What predicts divorce? The relationship between marital processes and marital outcomes*. Psychology Press.
- Gottman, J. M. Hedenbro, M., & Shapiro, A. F. (2006). Play With Me at My Speed: Describing Differences in the Tempo of Parent-Infant Interactions in the Lausanne Triadic Play Paradigm in Two Cultures. *Family process*, 45, 485-498. doi: 10.1111/j.1545-5300.2006.00184.x
- Gottman, J. M., & Tabares, A. (2018). The effects of briefly interrupting marital conflict. *Journal of marital and family therapy*, 44, 61-72. doi:10.1111/jmft.12243

- Goulart, V. R., Scheeren, P., Vieira, R. V. D. A., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186. doi:10.1590/1982-43272458201405
- Hebl, M. R., & Kashy, D. A. (1995). Sociosexuality and everyday social interaction. *Personal Relationships*, 2, 371-383. doi: 10.1111/j.14756811.1995.tb00099.x
- Henry, R. G., Jackson, J. B., Miller, R. B., & Oka, M. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of marriage and family*, 76, 105-129. doi:10.1111/jomf.12077
- Hock, E., & Marchand, J. F., (2000). Avoidance and attacking conflict-resolution strategies among married couples: Relations to depressive symptoms and marital satisfaction. *Family Relations*, 49, 201-206. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00201.x
- Kerig, P. K. (1996). Assessing the links between inter-parental conflict and child adjustment: The conflicts and problem-solving scales. *Journal of Family Psychology*, 10, 454-473. doi:10.1037/0893-3200.10.4.454
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16, 11-22. doi:10.1590/S0102-37722000000100003
- Lima, V. A. S. G. M. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interação diádica em adultos* (Doctoral dissertation).
- Maniaci, M., & Rogge, R. (2014). Caring about carelessness: Participant inattention and its effects on research. *Journal of Research in Personality*, 48, 61-83. doi: 10.1016/j.jrp.2013.09.008

- Marchand, J. F. (2004). Husbands' and wives' marital quality: The role of adult attachment orientations, depressive symptoms, and conflict resolution behaviors. *Attachment & Human Development*, 6, 99-112. doi: 10.1080/14616730310001659575
- McNulty, J. K., & Meltzer, A. L. (2010). Body image and marital satisfaction: Evidence for the mediating role of sexual frequency and sexual satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 24, 156–164. doi: 10.1037/a0019063
- McNulty, J. K., & Russell, V. M. (2010). When “negative” behaviors are positive: A contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes in relationship satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98, 587-604. doi:10.1037/a0017479
- Mosmann, C., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10, 79-103.
- Neto, F. (2015). Revisiting correlates of sociosexuality for men and women: The role of love relationships and psychological maladjustment. *Personality and Individual Differences*, 83, 106-110. doi:10.1016/j.paid.2015.03.033
- Neto, F. (2016). Psychometric properties of a portuguese version of the revised sociosexual orientation inventory. *Journal of Relationships Research*, 7. doi: 10.1017/jrr.2016.3
- Neto, F., & Pinto, M. C. (2014). Satisfaction with love life across the adult life span. *Applied Research in Quality of Life*, 10, 289-304. doi: 10.1007/s11482-014-9314- 6.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of personality and social psychology*, 45, 101. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101

- Schwarz, B. & Siffert, A., (2011). Spouses' demand and withdrawal during marital conflict in relation to their subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(2), 262-277. doi:10.1177/0265407510382061
- Simpson, J., Wilson, C., & Winterheld, H. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87-112). Mahwah, NJ: Erlbaum
- Updegraff, K. A., Thayer, S. M., & Wheeler, L. A. (2010). Conflict resolution in Mexican-origin couples: Culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 991-1005. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x
- Abidin, R., & Konold, T. (1999). *Parenting Alliance Measure: Professional manual*. Odessa FL: Psychological Assessment Resources.